

SEGUNDA PARTE

1. Situando o debate na linguística contemporânea: gerativismo versus gramaticalização

Apesar do fosso que nos separa do conjunto de referências de Dilthey, retomar ainda o debate inaugurado pelo autor, ao distinguir Ciências da Natureza e Ciências Humanas, para a produção de conhecimento contemporânea é instrutivo no sentido de permitir-nos recolocar elementos que ajudarão a refletir a respeito das questões (1-3).

Como já discutimos, a modelização teórica subjacente às neurociências e às ciências cognitivas e, dentre estas, à Gramática Gerativa busca a naturalização de seus objetos de estudos⁷⁸. Vimos também que há, pelo menos, duas acepções de naturalismo envolvidas: numa delas, a meta é reduzir os construtos teóricos concebidos nas ciências cognitivas a “entidades” ou propriedades de um dos ramos das Ciências da Natureza, em particular, da Biologia e seus ramos; nesse caso, a disciplina, assim concebida, passa a dispor de um “objeto natural” ou, no mínimo, tê-lo como o que chamaremos, na seção 5, de lastro epistêmico; noutra acepção, naturalismo pode ser entendido apenas como a utilização de procedimentos meto-

78 Por meio da perspectiva da Biolinguística, a inserção da Teoria Gerativa no rol das ciências da natureza, buscada desde o início do programa, encontra seu coroamento (DI SCIULLO; BOECKX, 2011; VITRAL, 2016b; CHOMSKY *et alii*, 2017).

dológicos padrões das Ciências da Natureza que garantem a comprovação empírica ou não do que é proposto; em outras palavras, trata-se de criar as condições para a possibilidade de falseamento, na terminologia de Popper (1972).

Como seguramente já está claro para o leitor, não é descabido afirmar que, pelo menos, as neurociências atuais rejeitam a principal tomada de posição de Dilthey que visava a justificar a fundamentação epistemológica das Ciências Humanas, a saber, (1) os conteúdos mentais, ou psicológicos, constituem-se de maneira autônoma, podendo, assim, ser estudados de maneira independente do seu suporte natural, físico ou biológico, o que é também, como vimos, a posição, dentre outros, de Fodor e dos autores que adotam a perspectiva do emergentismo no que se refere ao problema mente/corpo. Para Dilthey ainda, (2) o conjunto dos atos de vontade humanos, que resultam em história, é imprevisível por meio da noção de causa e efeito; logo, também exigem fundamentação e explicação independentemente do seu suporte natural.

Essa segunda tomada de posição de Dilthey aproxima-se, ainda que com outros objetivos, do que pensa Chomsky a respeito dos fenômenos que envolvem a intencionalidade que não podem, em princípio, encontrar tratamento por meio do que ele chama de naturalismo metodológico. Para ele, como é sabido, abordagens internalistas de fenômenos linguísticos (e psicológicos) são mais capazes de nos oferecer conhecimento objetivo, com maior poder explanatório. Observem-se suas próprias palavras: “questões gerais sobre intencionalidade, incluindo aquelas relativas ao uso da língua, não podem, de forma racional, ser inseridas no campo da pesquisa naturalística”⁷⁹ (CHOMSKY, 2000, p.132 [tradução nossa]). Para ele, portanto, esses

79 “general issues of intentionality, including those of language use, cannot reasonably be assumed to fall within naturalistic inquiry”.

fenômenos estariam fora do escopo da ciência objetivista. Essa postura de Chomsky é plena de consequência e será relevante discuti-la em relação à possibilidade de se estabelecer a teoria da Gramaticalização como um programa de pesquisa objetivo e autônomo.

Assim, em relação ainda a (1), a Teoria Gerativa estabelece que o suporte natural da linguagem tem um papel determinante, que pode ser explicitado num futuro indeterminado, num quadro teórico em que o objeto da teoria linguística deve ser, não os produtos de linguagem, já que ilimitados, e, sim, suas condições de possibilidade por um sistema computacional finito de natureza recursiva. Em outras palavras, evita-se considerar a linguagem como um sistema fechado, estanque, composto de representações mentais, cuja estrutura se visa a estabelecer, como era o caso da abordagem estruturalista (CHOMSKY, 1963, p.238); ainda no que concerne a (2), em vários textos, Chomsky (1980a, 1980b, 1995a) – com base, dentre outros, em Russell (1958) – distingue temas que constituem problemas e temas que são mistérios para o nosso conhecimento. A ciência, de sustentação positivista e naturalista, só pode tornar inteligível o que é considerado problema. Mas há ainda os mistérios que estão fora do nosso alcance cognitivo e que incluem temas como “a “causação do comportamento” (CHOMSKY, 1980a, p.126), nossas escolhas e vontades. A distinção adotada por Chomsky não nos parece ser isenta de certa circularidade: o que se julga ao alcance da pesquisa naturalística é classificado como problema e o que se avalia fora do alcance desse tipo de pesquisa constitui mistério. Não vamos nos ocupar dessa questão, mas não parece haver critério independente que justifique como saber, de antemão, o que se pode e o que não se pode tratar por esse viés.

As posições que comentamos, com as adaptações propostas, faz-nos pensar que, ao cognitivismo contemporâneo, ou, pelo menos, no que toca à Teoria Gerativa, a história, numa acepção que

logo precisaremos, não é um dos focos de interesse. Ainda que não seja uma posição homogênea, e tomando a mudança linguística como um fenômeno de história, essa conclusão não está longe da verdade. Para justificar nossa opinião, vejamos, abordando a discussão em termos atuais, como Berwick e Chomsky (2011) estabelecem as diretrizes da Biolinguística, quadro teórico atualmente em elaboração no seio da Teoria Gerativa.

Para eles, é preciso fazer uma distinção entre evolução da linguagem e mudança linguística: “evolução dos organismos que usam a linguagem e mudanças de acordo com a maneira como eles fazem isso. Em termos mais precisos, a emergência da faculdade da linguagem envolve evolução enquanto mudança histórica (que continua constantemente) não”⁸⁰ (BERWICK; CHOMSKY, 2011, p.38 [tradução nossa]).

Como se vê, a primazia é dada ao estudo da evolução cujo mecanismo está incluído nos fatos da natureza e à qual se submete a faculdade da linguagem, que é o objeto de estudo da teoria. A esse respeito, veja-se ainda o trecho seguinte: “Evolução no sentido biológico do termo seria então restrita à mutação que produziu a operação Juntar [Merge] (...) De acordo com isso, qualquer abordagem da evolução da linguagem que foque a comunicação será seriamente malconduzida.”⁸¹ (BERWICK; CHOMSKY, 2011, p.38 [tradução nossa]).

Assim, na Biolinguística estabelecida por meio de cotejo com a Biologia evolucionista, particularmente, a abordagem Evo-Devo

80 “*evolution of the organisms that use the language, and change in the ways they do so. In these more accurate terms, emergence of the language faculty involved evolution, while historical change (which continues constantly) does not.*”

81 “*Evolution in the biological sense of the term would then be restricted to the mutation that yielded the operation Merge (...) Accordingly, any approach to evolution of language that focuses on communication (...) may well be seriously misguided.*”

(*Evolution-Development*) (MÜLLER, 2007), a operação Juntar, citada acima, é vista como o componente central da faculdade de linguagem estrita que constitui a linguagem humana. A descrição e a análise do funcionamento dessa operação tornam-se tarefas precípuas da Teoria Gerativa na sua visão biolinguística. Há ainda autores, afinados com essa perspectiva, que defendem estar a variação linguística fora do escopo da Teoria Gerativa, já que é mais bem descrita como propriedades relativas à externalização da linguagem, o que tem a ver com o desempenho sonoro, devendo ser estudada como resultado de processos de aprendizagem (BOECKX, 2011)⁸².

A definição do objeto de estudo da Gramática Gerativa, a partir do cotejo atual com ramos da Biologia e de outras ciências da vida, favorece a interpretação de que a naturalização do objeto de estudo da disciplina passou a vislumbrar a correlação, ainda que futura, com propriedades de linguagem e propriedades biológicas com uma tarefa a ser implementada de forma mais decisiva. O trecho seguinte, em parceria com Gallego e Ott, Chomsky, citando trabalhos de Berwick *et al.* (2013); Nelson *et al.* (2017); Friederici (a ser publicado) e outros, parece mais otimista, ainda que não explore em detalhes, em relação à validade de se buscar conexões entre propriedades da língua e propriedades neurobiológicas, o que ajuda a sustentar nossa interpretação: “As técnicas de experimentação psicológica têm se tornado mais sofisticadas nos últimos anos

82 No entanto, o valor secundário atribuído à variação linguística, no sentido da construção da teoria da língua-I e o questionamento da abordagem Princípios e Parâmetros não são consensuais nem estão estabelecidos para todos os praticantes da gramática gerativa. Os trabalhos de Roberts; Holmberg (2009, 2005); Holmberg (2010); Baker (2008) e outros tentam recolocar a discussão sobre o papel dos parâmetros na teoria após o questionamento de sua adequação empírica realizado por Newmeyer (2005). Enfim, o papel secundário da variação na biolinguística parece ser uma das tendências – talvez a mais forte – de desenvolvimento da teoria atualmente. (Cf. VITRAL, 2016), para mais detalhes sobre o lugar da Biolinguística na Teoria Gerativa atual).

e o trabalho em neurolinguística está começando a se conectar de modo interessante com propostas da GG⁸³ (CHOMSKY et alii, 2019, p.2 [tradução nossa]).

O otimismo do trecho citado ainda não nos autoriza, com segurança, afirmar que há uma mudança de posição significativa de Chomsky em relação às suas posições tradicionais. Precisariamos, por exemplo, explorar o que quer dizer “conectar” (*to connect*) neste contexto; implicaria uma revisão na questão da ontologia dos construtos teóricos da linguística teórica no sentido de permitir abertura para a busca de suas correlações neurofisiológicas? Não sabemos. Parece-nos que podemos, pelo menos, afirmar, a partir do exposto, que há, hoje, certa polissemia ou ambiguidade em relação ao que quer dizer naturalismo na perspectiva chomskiana.

Tendo em mente o que acabamos de colocar e visando à operacionalização da nossa discussão em relação às questões (1-3), vamos tomar como enquadramento do nosso debate a dicotomia de Dilthey, o qual propõe a distinção entre Ciências da Natureza e Ciências Humanas⁸⁴.

83 “*The techniques of psychological experimentation have become far more sophisticated in recent years, and work in neurolinguistics is beginning to connect in interesting ways with the concerns of GG*”.

84 Poderíamos pensar que a contribuição de Dilthey deve ser dimensionada no momento da história do conhecimento que a gerou, não dispondo, portanto, dos meios de participar da produção científica atual. Parece-nos, porém, que ainda não é o momento de abandonar a inspiração de Dilthey o qual reconhece, por exemplo, que a vida espiritual do homem não pode ser destacada senão por um esforço de abstração de uma entidade psicofísica que lhe serve como suporte. Ora, pode-se, inicialmente, perguntar o que Dilthey entende por entidade psicofísica e, a partir daí, talvez seja razoável cotejar o que ele propõe com a identificação, pela Teoria Gerativa, de uma faculdade da linguagem humana, de base mental/biológica. Parece-nos haver, porém, certa ambiguidade no uso que Dilthey faz do sintagma “entidade psicofísica”. Ao usar o termo no singular, como a seguir, permite-nos entendê-lo como uma base natural mental compartilhada pelos seres humanos (DILTHEY, 1942 [1883], p. 26): “a vida espiritual de um homem só pode ser destacada por meio de um esforço de abs-

Sabendo, assim, que a Gramática Gerativa reivindica seu pertencimento à perspectiva naturalista, seja compreendida no sentido metodológico ou ontológico, tomaremos a teoria chomskiana, no desenvolvimento da nossa discussão, como uma representante de uma disciplina das Ciências da Natureza.

Por outro lado, uma vez que concebemos as propriedades inerentes da interação linguística na qualidade de causas, as quais serão explicitadas adiante, das propriedades da Gramaticalização,

tração da entidade psicofísica, sob as aparências da qual se manifestam a existência e a vida humanas” (tradução nossa de “...la vie spirituelle d'un homme ne peut être détachée que par un effort d'abstraction de l'entité psycho-physique sous les apparences de laquelle se manifestent l'existence et la vie humaines”). Nessa acepção, poder-se-ia buscar uma motivação comum com a faculdade de linguagem gerativista. Concorre para essa interpretação a admissão de “princípios de nosso conhecimento” (DILTHEY, 1942 [1883], p. 18) (“*principes de notre connaissance*”) e a influência exercida por Kant e seus princípios *a priori* do entendimento. Por outro lado, em outros trechos, Dilthey, principalmente ao usar a expressão no plural, parece utilizá-la, simplesmente, para designar seres humanos como entidades vivas. Esse uso se materializa nos trechos seguintes: “As entidades psicofísicas só podem ser estudadas com a ajuda da biologia” (DILTHEY, 1942, p. 31) (tradução nossa de: “*les entités psycho-physiques ne peuvent être étudiées qu'à l'aide de la biologie*”) e “a análise descobre nas entidades vivas, nas individualidades psicofísicas, os elementos por meio dos quais se constroem a sociedade e a história.” (DILTHEY, 1942 [1883], p. 44) (tradução nossa de: “*l'analyse découvre dans les entités vivantes, dans les individualités psycho-physiques les éléments dont se construisent la société et l'histoire...*”). Nessa segunda acepção, a intuição de Dilthey é equivalente àquela que está na base da Biolinguística nos termos de Turing; Wardlaw (1992 [1953]) retomados por Berwick; Chomsky (2011, p.23): “Cada organismo vivo enquanto um sistema de tipo especial ao qual as leis gerais da física e da química se aplicam fortemente restringindo suas possíveis variedades e fixando suas propriedades fundamentais” (tradução nossa de: “*Each living organism as a special kind of system to which the general laws of physics and chemistry apply sharply constraining their possible variety and fixing their fundamental properties*”). Enfim, embora o uso da expressão entidade (s) psicofísica (s) seja de fato ambíguo, seu reconhecimento da base natural da vida psíquica e a disponibilidade instrumental dos princípios kantianos em sua época mostram que Dilthey faz uma escolha epistemológica ao eleger a vida mental com sua intencionalidade e seu papel na constituição da história como objeto de conhecimento que pode ser inteligível independentemente de seu suporte biofísico. Esta opção não é, portanto, como se poderia pensar, apenas fruto de uma inconsciência do que está em jogo ou de limites do conhecimento de sua época.

o que implica considerar como objeto empírico a noção de língua pública, acolheremos a Gramaticalização como uma representante de uma disciplina das Ciências Humanas.

Atualizamos, com isso, a dicotomia epistemológica de Dilthey com o intuito de discutirmos, o que está explícito nas questões (1-3), como pensar as correlações que podem ser estabelecidas entre noções dos dois campos teóricos. Nosso debate será, portanto, a respeito de se é, de fato, adequado reduzir, o que é a visão padrão gerativista sobre a gramaticalização, como veremos na seção 9.1, os processos desse tipo aos cânones gerativistas ou, tendo em vista o que definimos como propriedades dos processos de gramaticalização e seu objeto de estudo, se essas propriedades podem fundar uma disciplina autônoma. Demonstraremos que a segunda opção é a correta, o que nos permitirá avançar na definição da fundamentação epistemológica da teoria da Gramaticalização.

Para, enfim, analisarmos as questões (1-3), sobretudo, se há uma relação nomológica entre princípios da língua-I e as propriedades dos processos de gramaticalização isolados em (8) da seção 4 seguinte, tomaremos, como objeto empírico, o fenômeno do percurso da formação das orações negativas no português e em outras línguas. Levando em conta, como ponto de partida, o célebre ciclo de Jespersen, que prevê a distribuição sincrônica e diacrônica de palavras de valor negativo nas línguas em geral, analisaremos como as duas perspectivas teóricas abordam esse fenômeno. Com base, sobretudo, na análise de Zeijlstra (2004, 2008), mostraremos como atuam os princípios e as operações do sistema computacional na formação das orações negativas e, valendo-nos das análises propostas por Schwenter (2005), Sousa (2012), Vitral (1999, 2015) e outros autores, veremos de que maneira, por meio da noção de gramaticalização, busca-se analisar a inovação sofrida por itens léxicos que, ao se alterarem categorialmente e ad-

quirirem valor negativo ao longo da história da língua, geram a diversidade de arranjos sintáticos observada.

É preciso chamar a atenção para um truísmo: nenhuma das propostas nas duas perspectivas é completa ou definitiva; a pesquisa sobre o tema da negação tem prosseguimento em aspectos e formulações teóricas não abordadas pelas análises consideradas. No entanto, foi preciso, para traçar o cotejo formulado, fazer as escolhas de análises que representassem os dois campos, mesmo com os limites eventuais que possam ser apontados em relação às análises selecionadas.

Exposições feitas, averiguaremos, enfim, a possibilidade de correlacionar as duas análises nos moldes apontados pelas questões (1-3). Apresentaremos, em primeiro lugar, a abordagem gerativista e, em seguida, nossa proposta de conceber o quadro da Gramaticalização.

REVISÃO

Bruna Toso

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vitral, Lorenzo

Gramaticalização e gramática gerativa [livro eletrônico] :
fundamentação, o problema mente/corpo e domínios de validade
/ Lorenzo Vitral. – Campinas, SP : Editora da Abralín, 2021. -- (Altos
estudos em linguística)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-04-9

1. Epistemologia 2. Gramática gerativa 3. Gramaticalização
4. Linguística 5. Pragmática I. Título. II. Série.

21-81227

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990049